

## O mito de Pelé, ou: “um desvendamento do Ser”

The Myth of Pelé, or: “the revealing of Being”

**Clemens van Loyen**

Universidade Ludwig-Maximilians (LMU), Munique/Alemanha

Doutor em História Cultural das Américas

clemens.vanloyen@amerikanistik.uni-muenchen.de

**RESUMO:** Minha contribuição parte de um ensaio pouco conhecido de Vilém Flusser, intitulado “Peleologia”, publicado no *Suplemento Literário* de *O Estado de São Paulo* em 04 de julho de 1964. Este ensaio tem um lugar de destaque no pensamento flusseriano. Argumento que ele está no limiar do próprio esclarecimento sobre o conceito de ‘pós-história’, como será tratado dois anos mais tarde no ensaio “Do Programa”, no qual Flusser proclama, pela primeira vez, “o fim da história”. Meu artigo visa elucidar as teias de pensamento, a dissolução e o surgimento de conceitos na obra flusseriana. Em Pelé, por exemplo, Flusser reconhece uma nova possibilidade de existência, o assim chamado ‘novo homem’, que seria também um modelo de vida para os brasileiros.

**PALAVRAS-CHAVE:** Pelé; Mito; Pós-história; Cultura; Novo homem.

**ABSTRACT:** The starting-point of my contribution is a very little-known essay by Vilém Flusser entitled “Peleologia” (“Peleology”), published in the Literary Supplement of *O Estado de São Paulo* in 04 July 1964. The essay designates a further shift from Flusser’s ahistorical perspective towards an unexpected, non-linear thinking. I argue that it is on the threshold of his own clarification on the notion of ‘post-history’ as it is going to be discussed two years later in the text “Do Programa” (“On the Program”) in which Flusser declares “the end of history” for the first time. My paper aims to elucidate the net of thoughts, the dissolution of concepts and the emergence of new ones in the Flusserian work. In Pelé, for example, Flusser recognizes a new possibility of existence, the so-called ‘new man’, which also would be a model of life for the Brazilians.

**KEYWORDS:** Pelé; Myth; Post-history; Culture; New man.

## INTRODUÇÃO

A palavra composta “Peleologia” é a meu ver uma criação linguística muito apelativa e notável na obra ensaística de Vilém Flusser (1920-1991). O filósofo tcheco-brasileiro parte de um jogo de palavras amalgamando o ilustre jogador “Pelé” ao sufixo “logia”, intercalando, para uma melhor sonoridade, a vogal “o” entre as duas partes. Tenho duas hipóteses em relação a este neologismo. Primeiro, por meio deste ‘jogo’, Flusser procura elevar o futebol a um nível científico. Pelo menos ele atribui uma “logia”, uma razão ao jogador de futebol, e cria, assim, uma nova ciência, mesmo que seja apenas uma pseudociência. A outra hipótese, que sustenta a primeira observação, remete ao lexema “pelada”. Este se encontra, mesmo velado, incluído no composto de “Peleologia”. Como se sabe, uma pelada é, de modo geral, um jogo de futebol mais leve, menos competitivo, que se dá na praia ou na rua em frente da casa.

Dois aspectos poderiam ter conduzido Flusser a esse jogo inusitado. Primeiro ponto: A tentativa de ironizar este fenômeno de massa que é o futebol, pois o ensaio “Peleologia” foi publicado apenas três meses após o golpe de 1964. Para contextualizar seu próprio ensaio, Flusser repete logo de início uma manchete da imprensa nacional e escreve: “Do fígado do Pelé depende o futuro do Brasil”.<sup>1</sup> Segundo ponto: Flusser quer apontar para o perigo que consiste na especialização das ciências. Para além da ciência oficial e renomada, existem outras configurações discursivas e formas de conhecimento que nas ‘ciências da cultura’ são geralmente chamadas de ‘híbridas’. Elas ultrapassam as fronteiras científicas convencionais, criam seus conceitos não sobre os fenômenos em questão para enquadrá-los à força num molde rígido, mas a partir dos mesmos, a partir da experiência, e vivência estética do próprio fenômeno. Este também é um requisito do pensamento flusseriano que visa suspender (*einklammern*) os pressupostos teóricos e deixar falar o fenômeno por si mesmo.

---

<sup>1</sup> FLUSSER. Peleologia.

## DA PRÉ-HISTÓRIA À PÓS-HISTÓRIA

A prática discursiva que Flusser lança com a “Peleologia” é composta por dois elementos que estão entrelaçados: o elemento festivo e lúdico do tempo mágico-mítico representado pelo nome “Pelé” e o elemento racional e linear representado pelo sufixo “logia”.<sup>2</sup> Flusser parte de uma classificação da ‘historicidade’ que consiste em três tempos, e a cada um deles corresponde uma ‘consciência’ ou um modo de pensar.

Primeiro temos o tempo mágico-mítico, no qual os homens vivem sub- ou inconscientemente os acontecimentos do dia-a-dia. Este tempo é caracterizado por Flusser por um modo de pensar que ele chama de ‘a-histórico’, pois o homem não ‘sente’ o peso das relações causa-efeito e a linearidade dos fatos. Conforme Flusser, essa época teve vigência até a invenção da escrita – momento em que teria começado a ‘história’. O homem típico dela vive embutido no acaso da vida, nada planeja e tem, de vez em quando, um “palpite genial”, como Flusser escreve em sua *Fenomenologia do brasileiro*.<sup>3</sup>

O homem da ‘história’ seria, ao contrário do anterior, o homem das ciências. Este já descobriu a relação entre causa e efeito e concebe o mundo de forma finalística e evolutiva: tudo tem seu princípio e seu fim. Este homem vive dentro do ‘sistema’ da sua respectiva época, ou seja, lançado nos conflitos das sociedades ocidentais e também nas compulsões exercidas pelo sistema capitalista. Para o homem histórico, portanto, existe um início e um fim. O meio, o instrumento para chegar a esse final, o subjugado constantemente ao aparato, que ele deixou de entender com o surgimento das tecnologias mais sofisticadas, as assim chamadas ‘black-boxes’. O homem histórico padece no complexo de “‘aparelho-operador’”.<sup>4</sup>

---

<sup>2</sup> É interessante observar que Flusser constrói seu mito através da personalidade de Pelé e não através de Mané Garrincha. Este era o verdadeiro gênio da bola desta época, aclamado pela torcida como “Alegria do Povo”. Provavelmente, Flusser escolheu Pelé justamente por causa da sua proximidade com o regime militar que, com suas ideias de treino e disciplina, exercia influência significativa sobre a configuração tática do jogo. Enquanto Garrincha representava o improvável e inesperado, Pelé, com sua força de vontade, poderia ser visto como exemplo vivo do ‘novo homem’ do regime. Acredito que Flusser tinha plena consciência disso e que se trata de mais uma inversão irônica por parte de Flusser que tenta nos aproximar das contradições e dos paradoxos instigando as nossas dúvidas em relação ao óbvio.

<sup>3</sup> FLUSSER. *Fenomenologia do brasileiro*, p. 53.

<sup>4</sup> FLUSSER. *Filosofia da caixa preta*, p. 32. Ver também: FLUSSER. *Kommunikologie*, p. 151.

Ele se tornou um funcionário, um escravo das máquinas e dos programas. A sua consciência não consegue a reconciliação do “*an*” (para) e “*für sich*” (por si), como Hegel a descreve em sua *Phänomenologie des Geistes* (*Fenomenologia do Espírito*) nas passagens que tratam do ‘saber absoluto’. Na última parte deste livro, o ‘Espírito’ finalmente atinge a sua plena consciência, de maneira que a dialética entre “*Herr*” (senhor) e “*Knecht*” (escravo) chega ao fim visto que a sua ânsia de ser reconhecido pelo ‘outro’ está satisfeita.<sup>5</sup> Antes disso, o homem histórico vive hegelianamente ‘alienado’ – de si mesmo, dos outros e da natureza a qual ele combate. Ele concebe seu mundo por uma ótica subjetivista esbarrando em inúmeros objetos que lhe parecem fronteiras e obstáculos. A dualidade de sujeito-objeto é marcante para essa época do pensamento histórico. No trajeto de dualidades, dialéticas e contradições mal resolvidas, o homem segue rumo à morte. Com isso, a história global e a história de vida finalmente acabam. No plano simbólico, o tempo histórico é caracterizado pelo código alfanumérico, enquanto que o tempo pré-histórico e mítico é caracterizado pelo código imagético que se faz sentir em um tempo circular, já que uma imagem não tem propriamente um início ou um fim. Uma imagem permite inúmeras leituras e novos pontos de vista, sem que se possa sobrepor um ponto em cima do outro. Todos seriam, em princípio, equivalentes.

O terceiro tempo descrito por Flusser (primeiro nos textos da *Comunicologia* e depois nos ensaios da *Pós-história*) é a própria ‘pós-história’. Para o leigo, ela representa a volta das imagens míticas, porém, num outro nível, digamos, mais ‘sofisticado’, para abreviar a complexidade desse conceito. A ‘pós-história’ parte da escrita e do seu código alfanumérico. Este código é o pré-requisito para o mundo pós-histórico. Nele se baseiam as novas imagens, menos nas letras e mais nos números, que na opinião de Flusser já migraram para fora do código alfanumérico, abrindo caminho para novas técnicas simbolizantes como o ‘calcular’ e o ‘computar’. Por meio dessas técnicas chega-se a uma imagem que tem como fundo virtual um número significativo de cifras e não um artista concreto que pinta paredes ou quadros. A consciência que corresponde ao tempo pós-histórico é circular, ondulatória, zero-dimensional, e não-linear.

---

<sup>5</sup> HEGEL. *Phänomenologie des Geistes*, p. 521.

## A CRÍTICA DA CULTURA DE FLUSSER

Voltando ao texto “Peleologia” de Flusser, estamos diante de uma imbricação de duas perspectivas, dada a conjunção de dois tempos: o tempo mítico de “Pelé” e o tempo linear, causal e supostamente racional da “logia”. Na minha leitura, Flusser propõe a equivalência entre mito e ciência. Explico por quê. Ao longo dos anos e 1960, Flusser entrava em contato não só com a Crítica Tradicional ou conservadora da sociedade, representada por Spengler, Grassi, Keyserlingk, Ortega y Gasset, mas também com a Teoria Crítica da sociedade dos teóricos da Escola de Frankfurt, que ele costumava chamar simplesmente de ‘frankfurtianos’ em sua correspondência. De certo, Flusser conhecia os ensaios da “*Dialektik der Aufklärung*” (*Dialética do Iluminismo*) de Max Horkheimer e Theodor W. Adorno. Para os dois, o mito também é uma forma de iluminismo, como consta no texto sobre “Odisseu ou Mito e Iluminismo”.<sup>6</sup> Mesmo que os teóricos dessa *Kulturkritik* (Crítica da cultura) não queiram criar novos mitos, eles provam a existência de um nexos importante entre iluminismo e mitologia: “*schon der Mythos ist Aufklärung, und: Aufklärung schlägt in Mythologie zurück* (já o mito é iluminismo, e: iluminismo volta a ser mitologia)”.<sup>7</sup> No decorrer das secessões do Iluminismo que separavam a arte da ciência, classificando-as como ‘campos de cultura’ diferentes para uma melhor ‘administração’, o pensamento teria entrado em declínio e o homem teria sido degradado ao funcionalismo. Diante desse fundo teórico da *Kulturkritik* de Adorno e Horkheimer, o ensaio “Peleologia” chega a ser um texto-chave para a compreensão do pensamento pós-histórico de Flusser. Diria até que ele está no limiar do próprio esclarecimento sobre o conceito de ‘pós-história’ como será tratado dois anos mais tarde no ensaio “Do programa” de 1966, no qual Flusser proclama, pela primeira vez, “o fim da história”<sup>8</sup> – expressão que tomou emprestada à leitura de um livro famoso de Alexandre Kojève sobre a *Fenomenologia do Espírito* de Hegel, chamado *Introduction à la lecture de Hegel*

<sup>6</sup> Cf.: ADORNO; HORKHEIMER. *Dialektik der Aufklärung*, p. 50-87. O sujeito racional se faz a partir da vivência dos mitos. Segundo os autores, Odisseu, por meio de sua artimanha, contribuiu para a desmitologização dos deuses da natureza.

<sup>7</sup> ADORNO; HORKHEIMER. *Dialektik der Aufklärung*, p. 6.

<sup>8</sup> FLUSSER. Do programa.

(Introdução à leitura de Hegel) e à qual ele chegou através do texto “Formas do reconhecimento” da obra ensaística *Dialética das consciências* (1950) do seu amigo filosófico Vicente Ferreira da Silva.<sup>9</sup>

Em “Peleologia”, Flusser emprega o termo ‘mito’ já em um contexto programador. Não utiliza as palavras ‘cultura’ ou ‘programa’, mas se refere justamente a essas duas. Para escapar da monotonia dos programas, o homem deveria optar pelo caminho dos mitos e das atividades festivas. Esta fora a opinião de Flusser num texto que ele escreveu sobre o falecido amigo Vicente Ferreira da Silva em 1963, no qual, sem mencionar o seu famoso ‘novo homem’ da *Fenomenologia do brasileiro*, Flusser destaca a relação que o brasileiro tem com o jogo: “Temos, no Brasil, elementos festivos, por exemplo o carnaval e candomblé, nos quais o espírito não se subjetiva, mas nos quais o homem se funde com a natureza”.<sup>10</sup>

Aliás, ao analisar os primeiros escritos de Flusser, observa-se que ele evita o conceito de ‘cultura’ e utiliza alternadamente as palavras ‘civilização’ ou ‘sociedade’ – ele emprega a noção de ‘cultura’ em relação aos ‘povos nativos das Américas’ ou como classificação de fenômenos intelectuais e artísticos. É a versão brasileira do livro *Die Geschichte des Teufels (A história do diabo)*, de 1965, que traz consigo a virada conceitual. A partir da versão brasileira sobre o diabo, a ‘cultura’ e a ‘civilização’ se tornam comutáveis. Apenas um ano depois, em 1966, Flusser se despede por completo do conceito de ‘civilização’. A noção de ‘cultura’ se consolida a partir do momento em que Flusser começa a pensar em sua pós-história, em torno de 1966, quando escreve o ensaio “Do programa” para *O Diário de Ribeirão Preto*. O motivo disso poderia ser que Flusser definia ‘cultura’ através da noção da estética e arte, como quando escreve para seu amigo Miguel Reale afirmando: “‘cultura’ e ‘arte’ são sinônimas”.<sup>11</sup> Contrariamente, Flusser definia ‘civilização’ como tecnologia. A pós-história de Flusser é caracterizada pela técnica em forma de aparelhos e programas, porém, na análise ela é descrita como ‘cultura de massa’, como Flusser a examina perante a crítica de Roberto Gomes em 1980. Defendendo o seu conceito de *Kulturkritik* em um ‘sentido não frankfurtiano’, como tentativa de

<sup>9</sup> FERREIRA DA SILVA. Formas do reconhecimento, p. 175.

<sup>10</sup> FLUSSER. Vicente Ferreira da Silva, p. 110.

<sup>11</sup> FLUSSER. Carta a Miguel Reale, 31/01/1978.

“decifrar o mundo codificado que nos cerca”, Flusser descreve essa ‘cultura’ como “programação disciplinada e auto-conciente (sic), despolitização por aparelhos autônomos de decisões individuais, totalitarismo paracientífico, e funcionarismo”.<sup>12</sup>

Mas esta crítica de cultura não é tão desiludida quanto parece. Existe um caminho, uma abertura para outras possibilidades, que podem ser alcançados por meio da arte e do lúdico. Em “Peleologia”, Flusser explica que a situação atual da ditadura de 1964, sem citá-la *expressis verbis*, seria apenas uma das realidades que estão embutidas nos mitos, com as palavras de Flusser: “realizações das potencialidades contidas nos mitos”, e que não haveria uma saída do mito, pois nós seríamos “prisioneiros dos nossos mitos”.<sup>13</sup> O que parece uma predeterminação existencial dentro da não-história e do pensamento a-histórico em um Brasil à beira da história, será transmitido no final dos anos de 1970, com os ensaios da *Pós-história*, para o tempo da história no contexto da cultura ocidental que está amputada de qualquer liberdade de decisão: “A possibilidade de se realizarem Auschwitzs (sic) está implícita na nossa cultura desde o seu início.” Escapar disso seria em vão, pois: “Não há saída: somos condenados a servimo-nos dos nossos modelos” – como Flusser escreve no ensaio de abertura da *Pós-história*, “O chão que pisamos”.<sup>14</sup>

Essa ligação da ‘realização individual’ no mito com o percurso histórico ‘programado’ se vincula a uma possível leitura da *Fenomenologia do Espírito* da parte de Flusser. Segundo esta leitura, os desdobramentos cognitivos do sujeito que se realizam no nível da consciência hegeliana na luta pelo reconhecimento, coincidem com a evolução da história humana que se realiza como ‘espírito objetivo’ através do tempo. Uma interpretação de Hegel se encontra nas entrelinhas por toda obra de Flusser e se mostra compatível com os ensaios de “Peleologia” e “Do programa” na metade dos anos de 1960. Na verdade, todos os textos de Flusser são tributários de um certo hegelianismo infuso, o que mostram, aliás, os subtítulos da obra flusseriana que contêm muitas vezes a palavra ‘fenomenologia’. Pois além dos mitos fatais e sem saída existe outro tipo de mito cujo aparecimento se explica com uma interpretação existencialista da

---

<sup>12</sup> FLUSSER. Carta a Roberto Gomes, 26/09/1980.

<sup>13</sup> FLUSSER. Peleologia.

<sup>14</sup> FLUSSER. *Pós-história*, p. 21.

*Fenomenologia* de Hegel. Segundo a famosa tese de Alexandre Kojève dá-se o ‘Fim da história’ (no saber absoluto) com ‘a reconciliação da consciência com a autoconsciência’ na obra de Hegel.<sup>15</sup> A interpretação de Kojève se mostra propícia para um diálogo com o pensamento flusseriano pois Kojève antropomorfiza o ‘espírito’ (na forma do saber absoluto) de Hegel e o liberta da carga metafísica e religiosa, traduzindo o ‘espírito’ para uma dimensão mais humana. Citando Kojève: “*Et c’est pourquoi il faut dire que le Geist hégélien qui est Wissenschaft et absolutes Wissen, est non pas Dieu mais l’Homme.* (Por causa disso deve-se dizer que o espírito hegeliano que é ciência e saber absoluto não é Deus mas Homem)”.<sup>16</sup> A dialética de avanços e recuos na evolução humana estaria suspensa, a luta contra a natureza que o brasileiro travava incessantemente terminada e o trabalho consumado, pois o homem não teria mais objetos contra os quais se poderia lançar e deixaria de trabalhar. Em vez disso, o brasileiro começa a se transformar em ‘projeto’. Nomeadamente trata-se de um projeto que Kojève descreve como “*de l’art, l’amour, le jeu [...], bref, tout ce qui rend l’Homme ‘heureux’* (de arte, de amor, de jogo [...], em suma, tudo aquilo que faz o Homem ‘feliz’”.<sup>17</sup>

Da mesma maneira, chama atenção que este novo mito de Flusser, exemplificado na “Peleologia”, consegue unir as duas visões do mundo que o Iluminismo na opinião dos frankfurtianos tentava separar: a visão científica e a da arte. O mito da “Peleologia” abarca, por meio do sufixo “logia”, um elemento sensato que em um eixo de tempo transcorre linearmente do passado ao futuro. Por outro lado, “Pelé” representa um elemento aberto e lúdico que se anuncia para o futuro como uma potencialidade a ser realizada. O recurso explícito à personalidade de Pelé enfatiza o homem na concreticidade e dispensa o modelo de historicidade de Flusser da abstração. Dessa maneira, ele se posiciona contra a ideia de historicidade do seu amigo Vicente Ferreira da Silva que tenta ignorar o papel do homem no processo histórico. A ideia de unir ‘ciência’ e ‘arte’ está mais de acordo com um outro ‘frankfurtiano’, precisamente com Herbert Marcuse. Em seu livro *One-Dimensional Man (O homem unidimensional)* de 1964, Marcuse constata a

<sup>15</sup> HEGEL. *Phänomenologie des Geistes*, p. 510. No original: *Versöhnung des Bewusstseins mit dem Selbstbewusstsein*.

<sup>16</sup> KOJÈVE. *Introduction à la lecture de Hegel*, p. 426.

<sup>17</sup> KOJÈVE. *Introduction à la lecture de Hegel*, p. 435.



separação das esferas da ciência e da arte que se deu com a racionalidade que domina, desde o Iluminismo, a ciência e a tecnologia. Porém, segundo Marcuse, o mito nunca foi expulso: “Algo dessa troca mitológica entre o real e o possível sobreviveu no pensamento científico e continuava mirando uma realidade mais sensata e verdadeira”.<sup>18</sup>

Parece-me que é esta contradição, que reflete duas leituras de historicidade na palavra “Peleologia”, que está no cerne deste ensaio de Flusser. Pois ao final dele, Flusser avalia a atual situação brasileira como uma “situação de fronteira” no sentido jasperiano.<sup>19</sup> Ou o Brasil se rende à história dos países dominantes e afunda em outras catástrofes ou tenta encontrar abrigo na criação de novos mitos como foi o de Pelé.

#### **DISSOLUÇÃO DO MITO: À GUIA DE CONCLUSÃO**

Nos seus textos posteriores, depois da superação do mundo mitológico e esotérico de Vicente, Flusser não se detém mais na noção do mito e a desdobra nas noções de ‘cultura’, ‘programa’ e ‘novo homem’. Por isso, os dois ensaios mencionados são textos-chave para a compreensão do conceito de ‘pós-história’ que será o campo de debate de Flusser com a Teoria Crítica da sociedade.

Em relação ao ‘novo homem’, Flusser reconhece em Pelé um mito muito promissor e o chama até “um desvendamento do Ser”. “Pelé como figura mítica representa um projeto para milhares de existências, e podemos observar em nosso redor milhares de Pelés em miniaturas que realizam as potencialidades contidas no mito que a figura de Pelé representa”.<sup>20</sup>

Este mito que torna ‘cultura’ algo concreto, vivenciável e vivo, significa uma saída da uniformidade e linearidade da história. Ele está representado por um tipo de jogador que demonstra no campo o que se vê, por motivos supostamente respeitáveis, pouco no dia-a-dia: uma mistura de gozação, brincadeira, malandragem

---

<sup>18</sup> MARCUSE. *Der eindimensionale Mensch* [Minha tradução da versão alemã de 1967], p. 240. No original: “Etwas von diesem mythologischen Wechselverhältnis zwischen dem Wirklichen und dem Möglichen überlebte im wissenschaftlichen Denken und war weiterhin auf eine vernünftiger und wahrere Wirklichkeit gerichtet”.

<sup>19</sup> FLUSSER. *Peleologia*.

<sup>20</sup> FLUSSER. *Peleologia*.

e aventura que, segundo a vasta literatura das ciências da cultura sobre o Brasil, talvez até constituam culturemas especificamente brasileiros. Que estas características se manifestam em Pelé e não, por exemplo, em Garrincha, prova que Flusser não estava propriamente interessado no futebol-arte, mas antes, na propagação de suas ideias, para as quais Pelé fora apenas um pretexto, ou seja, uma isca chamativa que lhe poderia trazer mais leitores. Mesmo assim, a temática do futebol é um campo de excelência para falar de mitos, de nação, de identidade e de supremacia sobre outras nações. Flusser, de certa forma, inscreve-se superficialmente nessa linha de pensamento, porém, ao mesmo tempo, difere dela dando espaço ao imaginário e à fantasia.

Afinal, Flusser não caracteriza Pelé em termos de uma brasilidade equivocada, mas convoca para a criação de novos mitos, visto que é só através dos mitos que a ‘civilização’ pode se acostumar a “novas aventuras imprevisíveis”. Neles encontra-se “um novo senso de festividade [...] por ora inarticulado” que poderia dar fim à aspiração por tecnologia.<sup>21</sup> Esta esperança utópica que Flusser vê nos anos de 1960 no horizonte do Brasil – como um lugar entre outros poucos – será concretizada no conceito do ‘novo homem’, como um homem que ‘absorve’ a história.

Resumindo a minha leitura de “Peleologia”, mesmo que o mito ainda não tenha perdido a sua força imaginativa, o texto de Flusser enuncia também o desejo de alcançar uma comunicação ou até uma unificação entre as duas dimensões temporais: entre o tempo circular (pré- ou pós-histórico) e o tempo linear (histórico), entre o mítico e o racional, entre aquilo que se renova constantemente, a natureza, e aquilo que se cria a partir dela, a cultura.

## REFERÊNCIAS

ADORNO, Theodor W.; HORKHEIMER, Max. **Dialektik der Aufklärung**. Frankfurt: Fischer, 1998.

FERREIRA DA SILVA, Vicente. Formas do reconhecimento [1950]. In: \_\_\_\_\_. **Obras Completas**. Dialética das consciências, v. 1. São Paulo: IBF, 1964, p. 174-181.

---

<sup>21</sup> FLUSSER. Peleologia.

- FLUSSER, Vilém. Peleologia. **O Estado de São Paulo**, 04/07/1964.
- FLUSSER, Vilém. Do programa. **O Diário de Ribeirão Preto**, 12/05/1966.
- FLUSSER, Vilém. Carta a Miguel Reale. **O Diário de Ribeirão**, 31/01/1978.
- FLUSSER, Vilém. Carta a Roberto Gomes. **O Diário de Ribeirão**, 26/09/1980.
- FLUSSER, Vilém. **Kommunikologie**. Edição: Stefan Bollmann; Edith Flusser. Mannheim: Bollmann, 1996.
- FLUSSER, Vilém. **Fenomenologia do brasileiro**: em busca de um novo homem. Edição: Gustavo Bernardo Krause. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1998.
- FLUSSER, Vilém. Vicente Ferreira da Silva [1963]. In: \_\_\_\_\_. **Da religiosidade**: a literatura e o senso de realidade. São Paulo: Ed. Escrituras, 2002, p. 107-111.
- FLUSSER, Vilém. **Pós-história**: vinte instantâneos e um modo de usar. São Paulo: Annablume, 2011.
- FLUSSER, Vilém. **Filosofia da caixa preta**: ensaios para uma futura filosofia da fotografia. São Paulo: Annablume, 2011.
- HEGEL, Georg Wilhelm Friedrich. **Phänomenologie des Geistes**. Leipzig: Verlag der Dürr'schen Buchhandlung, 1907.
- KOJÈVE, Alexandre. **Introduction à la lecture de Hegel**. Paris: Gallimard, 1947.
- MARCUSE, Herbert. **Der eindimensionale Mensch**. Springe: zu Klampen Verlag, 2014.

\* \* \*

Recebido para publicação em: 15 dez. 2017.  
Aprovado em: 22 jan. 2018.